

Subjetividade, Diálogo e Pesquisa-ação

A pesquisa-ação é um método que está totalmente direcionado para um sistema de articulações sobre as subjetividades. Cada ator – e seu conhecimento tácito – é um elo fundamental na rede que se cria como campo/objeto.

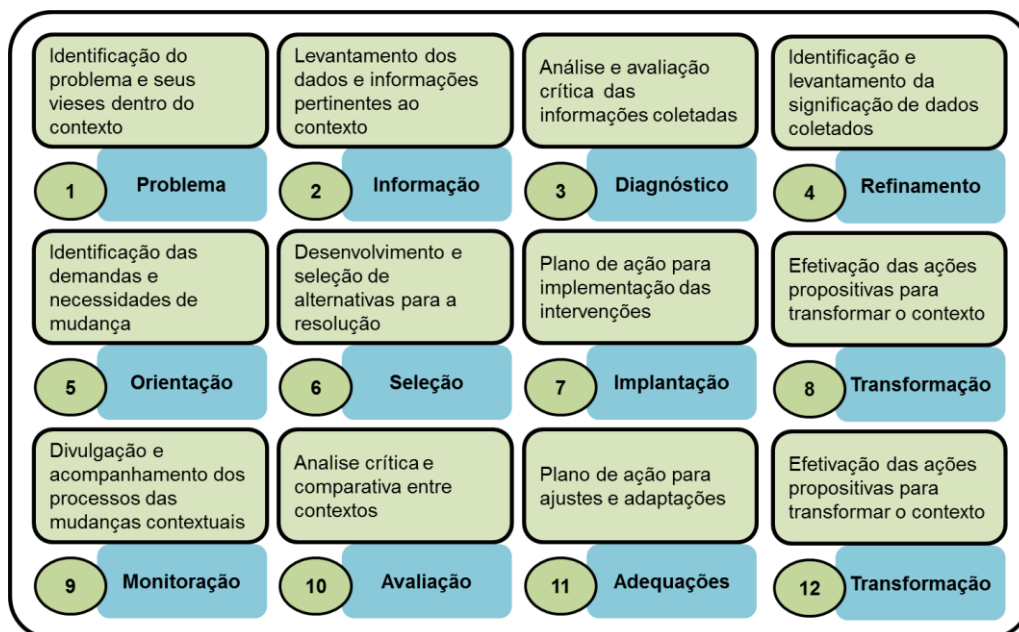


Figura 1: Sequencia de Etapas da Pesquisa-ação

Fonte: Do autor, com base em Thiollent (1985); Gil (2002); Haguette (2003)

Kurt Lewin (1890-1947), psicólogo alemão, foi um dos pioneiros da psicologia social, observando a dinâmica de grupo e o desenvolvimento organizacional.

Para explicar a motivação do comportamento, Elaborou a teoria de campo, com o intuito de melhor observar as questões associadas à motivação e seus reflexos comportamentais. Na teoria do campo – foco central em suas análises – Lewin aponta dois vieses fundamentais: a) o comportamento humano é derivado da totalidade de fatos coexistentes; e b) esses fatos coexistentes têm um caráter dinâmico, no qual cada parte do campo vai depender de uma inter-relação e interdependência com as demais outras partes.

Lewin entende o comportamento humano como sendo resultante de uma sofisticada equação de forças modeladoras, associando passado, presente e futuro, não depende somente do passado, ou do futuro. Assim, o comportamento do indivíduo é fruto de um

¹ Como citar: REIS FILHO, Paulo. Subjetividade, Diálogo e Pesquisa-ação. Artigos Técnicos. Laboratório de Cenários da Agência UFRJ de Inovação. Ano.3. Vol.25, 2019. Disponível em: http://www.inovacao.ufrj.br/images/vol_25_subjetividade_dialogo_pesquisa_acao_2019.

campo dinâmico de forças: $C = f(P, M)$, onde o comportamento (C) é função (f) ou o resultado da interação entre a pessoa (P) e o meio ambiente (M).

O ambiente comportamental ou psicológico, nessa perspectiva, envolve a forma como o indivíduo interpreta e percebe a realidade – adicionando aqui, suas intencionalidades e necessidades.

O conceito da teoria do campo está presente na base da pesquisa-ação. Na medida em que se faz necessário a observação da dinâmica comportamental de cada indivíduo, componente de determinado grupo/campo/objeto.

A pesquisa-ação é um procedimento imersivo, no qual se busca um tipo de pesquisa que envolve o engajamento, ou seja, uma participação ativa e imersiva do pesquisador, que vai se envolver com os atores locais - rotinas, práticas e realidades - para, a partir daí, gerar reflexão, análise e proposição de intervenção. Como define Thiollent (1985):

(...) tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo." (THOLLENT, 1985, p.14)

A pesquisa-ação vai envolver uma sequencia de etapas procedurais, que vão se estruturando e consolidando junto com o caminhar da pesquisa. Assim, após a localização genérica de um campo o método sugere:

Quadro 1: Passo-a-passo funcional do método

- a) Identificação e definição do problema - diagnóstico;
- b) Elaboração de um plano de ação - considerando caminhos alternativos para a solução;
- c) Determinação do universo do campo;
- d) Determinação dos elementos envolvidos;
- e) Indicação dos objetivos gerais;
- f) Identificação da população beneficiada;
- g) Evidenciação das relações entre população e instituições envolvidas;
- h) Formas de controle do processo;
- i) Elencagem das medidas beneficiadoras específicas;
- j) Identificação das formas e procedimentos para a participação;
- k) Elencagem das características relevantes;
- l) Critérios de escolha dos envolvidos - potencialidade;
- m) Critérios de seleção - intencionalidade;
- n) Critérios de tomada de decisão - caminhos da ação;
- o) Critérios de análise e avaliação das consequências das proposições de ação;
- p) Especificação de aprendizagem - identificação dos achados;
- q) Registro das transformações geradas;
- r) Difusão e comunicação dos achados;
- s) Monitoramento e avaliação do campo alterado;
- t) Codificação e registro.

Algumas variações e/ou caracterizações foram, com os anos, sendo estruturadas, gerando tipos de pesquisa-ação específicos. Nessa perspectiva, a partir de Franco (2005), Koerich et al. apontam 3 conceituações distintas de pesquisa-ação:

Pesquisa-ação colaborativa, quando a busca de transformação é solicitada pelo grupo de referência à equipe de pesquisadores. A função do pesquisador, nesse processo, será a de fazer parte e cientificar um processo de mudança anteriormente desencadeado pelos sujeitos do grupo;

Pesquisa-ação crítica, se, a partir dos trabalhos iniciais do pesquisador com o grupo, é percebida a necessidade de transformação. Quando ela é decorrente de um processo que valoriza a construção cognitiva da experiência sustentada por reflexão crítica coletiva, com vistas à emancipação dos sujeitos e das condições que o coletivo considera opressivas, a pesquisa vai assumindo o caráter de criticidade;

Pesquisa-ação estratégica, se, ao contrário, a transformação é previamente planejada, sem a participação dos sujeitos, e apenas o pesquisador acompanhará os efeitos e avaliará os resultados de sua aplicação. Aqui a pesquisa perde o qualificativo de pesquisa-ação crítica (KOERICH et al., 2009, p. 719)

A pesquisa-ação tem como base a interação vivencial e dialógica com os distintos atores de determinado campo, resultando na criação e compartilhamento de novos conhecimentos.

O processo de investigação promove e pressupõe a intensa interação entre atores. Isso implica na capacidade de absorção, percepção e empatia do pesquisador. Para a devida e eficaz apreensão da realidade, além do claro intento inicial, é fundamental uma rigorosa elencagem de ferramentas metodológicas, basicamente, qualitativas. Todo o processo tem como 'pano-de-fundo' o diálogo e sua, decorrente análise e codificação. torna-se fundamental, pelo exposto, o verdadeiro reconhecimento da presença e atuação do pesquisador como sujeito no campo/objeto. Bem como a evidenciação do campo/objeto como sendo a resultante de uma dinâmica que envolve distintas dimensões estruturais de pretendido constructo. A Figura 2 aponta, em síntese, as dinâmicas A, B, C e D, que se estabelecem em torno do objeto central, sendo este ora o sujeito, ora o campo - coletivo.

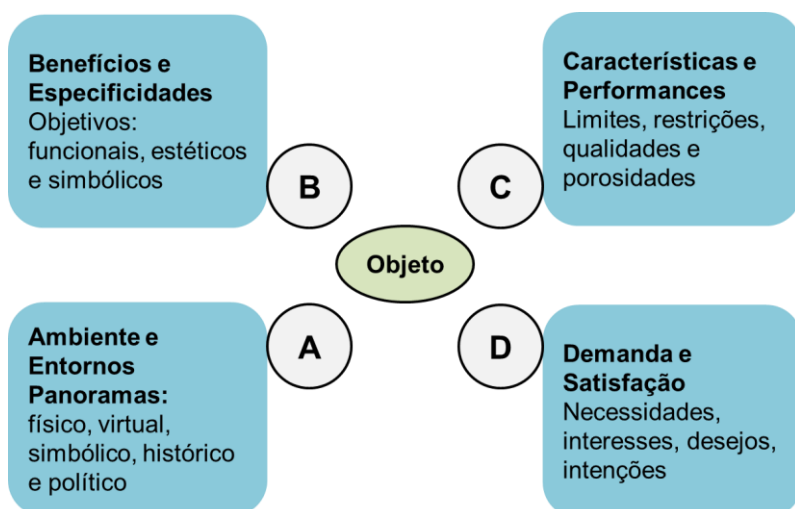


Figura 2. Arranjos das Sintético das Estruturas de uma Pesquisa-ação

Fonte: Do autor, com base em Thiollent (1985); Wenger (1998); Simon (1996); Hevner (2007)

No planejamento da pesquisa-ação, tendo como base as contribuições de Thiollent (1985) e Haguette (2003), é possível destacar alguns passos estruturantes do método e apontar que em todos eles, se verifica a relação direta – mais ou menos relevante – da prática dialógica:

Quadro 2: Passo-a-passo estruturante do método

- a) Fase exploratória;
- b) O tema da pesquisa;
- c) A colocação dos problemas;
- d) Campo de observação, amostragem e representatividade qualitativa;
- e) Planejamento das ações correspondentes;
- f) Fundamentação nas teorias;
- g) Estabelecimento de Hipóteses;
- h) Efetivação de um Seminário;
- i) Elaboração e constituição de grupos de estudos e equipes de pesquisa;
- j) Coordenação das atividades;
- k) Centralização das informações provenientes das diversas fontes e grupos;
- l) Elaboração das interpretações;
- m) Busca das soluções e definição das diretrizes de ação;
- n) Acompanhamento e avaliação das ações;
- o) Divulgação dos resultados pelos canais apropriados.

O processo é claramente integrativo e se sustenta, em boa parte de sua construção em diálogos. O físico David Bohm, além de contribuir para o desenvolvimento da mecânica quântica e da teoria da relatividade, focou esforços na forma e na estrutura do pensamento que dá suporte à principal e mais sofisticado forma de interação humana: o **diálogo**. Seus estudos podem ser de grande valia para dar suporte ou orientação aos processos de pesquisa-ação.

Durante as últimas décadas, a tecnologia moderna, como o rádio, a televisão, as viagens aéreas e os satélites, teceu uma rede de comunicações que põe cada parte do mundo em contato quase instantâneo com todas as outras. Ainda assim, em que pese esse sistema mundial de ligações, há, neste exato momento, um sentimento generalizado de que a comunicação está se deteriorando em toda parte, numa escala sem precedentes (BOHM, 2005, p.27)

Na técnica de diálogo, por ele desenvolvida, os participantes da interação, são levados à suspensão do apego a um ponto de vista determinado, uma opinião – para que, dessa forma, seja possível o estabelecimento, entre os participantes de um nível mais profundos de atenção.

É a partir da atenção que poderia se chegar com maior qualidade, à síntese e ao sentido. A perspectiva geral seria afastar o, natural, impulso de se querer ter razão, dando espaço à ideia de se buscar o significado central por trás de cada ponto de vista apresentado.

A busca empática pelo entendimento da perspectiva do outro, ajuda a construir uma visão de maior amplitude e sofisticação, além de estabelecer sinergia e uma relação de companheirismo.

As pessoas que vivem em diferentes países, com sistemas políticos e econômicos diversos, são muito pouco capazes de falar umas com as outras sem brigar. E, dentro dos limites de única nação, as diferentes classes sociais, econômicas e os grupos políticos caíram num padrão semelhante de incapacidade de entendimento mútuo (BOHM, 2005, p.27)

Busca-se, assim, o desenho de uma compreensão mais ampla da realidade, buscando uma dupla e paralela percepção: um quadro geral, onde as distintas forças se articulam na perspectiva de uma modelagem comum; e cada visão individual, com suas convicções e intenções.

Nessa perspectiva e guardada a tensão que se estabelece, o diálogo vai ganhando corpo por meio da troca de informação e da construção de entendimento, sem o objetivo de se perseguir um resultado determinado.

Seu propósito é suspender as opiniões e observá-las – ouvir os pontos de vista de todos, suspendê-los e a seguir perceber o que tudo isso significa. (...) Poderemos simplesmente compartilhar a apreciação dos resultados: e dessa totalidade a verdade emerge sem se anunciar, sem que a tenhamos escolhido (BOHM, 2005, p. 65)

Na dinâmica da técnica do diálogo, deve-se destinar 'espaços de silêncio' entre uma fala/exposição/expressão de cada participante, dando tempo para a escuta, internalização e reflexão, em níveis mais profundos. Assim, a dinâmica do diálogo busca transformar a tensão - advinda da competição, submissão, exclusão..., em colaboração - com base na associação, colaboração e participação.

De forma geral, os objetivos do **diálogo** são:

- criar um ambiente adequado para a troca de pontos de vista;
- criar um senso de comunidade;
- oferecer oportunidade de (re)construção de ideias e opiniões;
- interagir, trocar e apreender novas formas de pensar o mundo;
- compartilhar conhecimento e reflexões;
- descobrir e desenvolver enfoques compartilhados;
- explorar o que significa agir, pensar e aprender de forma participativa;
- estabelecer uma base compartilhada de significado;
- explorar as bases conceituais que estruturam as posturas defendidas.

Para tanto, algumas regras seriam fundamentais para dar andamento e corpo ao diálogo:

- Fala-se alternadamente, um por vez, fazendo uma pausa depois de cada exposição;
- O que fala, é dirigido à totalidade do grupo, evitando-se conversações cruzadas ou paralelas. Procura-se cruzar olhares com cada um dos participantes;

- Pede-se a fala, quando se tem uma convicção ou um sentimento profundo que se deseja expressar;
- Durante o momento do diálogo, não se devem evidenciar os cargos e hierarquias;
- Escuta-se sem emitir pareceres sobre o que os outros dizem;
- Deve se verificar o tempo de silêncio após cada colocação;
- Cultiva-se uma atitude de companheirismo;
- O foco do grupo é a disposição em aprender;
- Não se procura mudar a opinião de ninguém;
- Evitam-se posturas rígidas, não negociáveis ou definitivas;
- O foco de cada participante é observar a si mesmo;
- Respeitam-se as diferenças;
- Não se reage frente aos outros;
- O diálogo é aberto – não há necessidade de se resolver um problema ou de se chegar a uma conclusão;
- Valida-se o que outros dizem;
- Busca-se o equilíbrio de assertivas, com perguntas;
- Não se aponta direções conceituais;
- Busca-se o próximo nível de compreensão;
- Cada participante expressa seus pensamentos e sentimentos com liberdade e sem necessidade de apoiar-se no que outros pensam ou sentem.

Referências

- BOHM, D. *Thought as a System*. Londres: Routledge, 1997.
- BOHM, D. *A Totalidade e a Ordem Implicada: Uma Nova Percepção da Realidade*. SP: Cultrix, 1998a.
- BOHM, D. *On Dialogue*. Londres: Routledge, 1998b.
- BOHM, D. *Diálogos - comunicação e redes de convivência*. São Paulo: Palas Athena, 2005.
- BOHM, D.; EDWARDS, M. *Changing consciousness*. Harper, San Francisco: Harper, 1991.
- FRANCO, M. *Pedagogia da pesquisa-ação*. Educ. Pesqui, 2005. URL: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>.
- GIL, A. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª Ed. SP: Atlas, 2002.
- HAGUETTE, T. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 9. ed. Petrópolis: Vozes; 2003.
- HEVNER, A. "A Three Cycle View of Design Science Research", *SJIS*, 2007.
- KOERICH, M.; BACKES, D.; SOUZA, F.; ERDMANN, A.; ALBUQUERQUE, G. *Pesquisa-ação: ferramenta metodológica para a pesquisa qualitativa*. Rev. Eletr. Enf., 2009;11(3):717-23. URL: <http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n3/v11n3a33.htm>.
- SIMON, H. A. *The Sciences of artificial*. 3.ed. Cambridge: MIT Press, 1996.
- THIOLLENT, M. *Pesquisa-ação nas organizações*. São Paulo: Atlas; 1997.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez, 1985.
- WENGER, E. *Communities of practice: Learning, meaning, and identity*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1998.